

Gênero e território no Extremo sul da Bahia

Cód/Nome	42 - Gênero e território no Extremo sul da Bahia
Orientador	Ana Carneiro Cerqueira
Campus	Sosígenes Costa
Área	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA PESQUISA
Vagas	2
	anacarneiro@ufsb.edu.br

Resumo

Partindo de uma abordagem antropológica, propomos a investigação das questões de gênero experimentadas em diversos processos de territorialização no Extremo Sul da Bahia. Entendendo as noções de “gênero” e “território” como formas específicas de classificação, diferenciação e hierarquização sociocultural e cosmológica, damos especial atenção às narrativas sobre o corpo (definindo lógicas, classificações e elaborações ligadas à criação e reprodução de pessoas e lugares). Conforme as pesquisas que viemos debatendo nos últimos dois anos, as territorialidades sob análise encontram-se em diversas localidades e podem abranger um leque heterogêneo de grupos sociais. Quilombolas, indígenas, travestis, agricultores familiares, feministas, adeptos do candomblé, pescadores e marisqueiras são exemplos de coletividades com as quais trabalhamos para responder à questão: como as relações de gênero produzem o e são produzidas pelo território? Ou seja: como as diferenciações de gênero atuam nas tensões e disputas políticas que conformam um território? Trata-se de um projeto com ênfase na pesquisa, mas está articulado a dois projetos de extensão.

Atividades dos bolsistas

levantamento e leitura de bibliografia; trabalho de campo, participação no grupo de estudos do projeto; prática de escrita; conversa com orientadora.

Atividades semanais e carga horária

A cada semana, uma dessas atividades será desenvolvida pelo bolsista: levantamento e leitura de bibliografia; trabalho de campo, participação no grupo de estudos do projeto; prática de escrita.

Introdução

Entendemos que a perspectiva de gênero, a exemplo da família na elaboração de John Comerford (2003), aciona princípios lógicos de distinção e hierarquização culturalmente

determinados. Por outro lado, sabemos que as organizações sociais mobilizadas em torno da luta por direitos territoriais estabelecem outros princípios distintivos, determinados em relação de exterioridade com a sociedade envolvente e baseados em formas coletivas de uso da terra e da natureza (por exemplo, Oliveira, 1999 e Almeida, 2008). A região do extremo sul da Bahia é um terreno fértil à observação das política territoriais e seus efeitos sobre os contextos locais. De um lado, a antiga história de povoamento e contato intercultural se expressa numa diversidade de existências coletivas: quilombolas, Pataxós, Tubinambás, povos de terreiro, comunidades pesqueiras artesanais, marisqueiras, camponeses, etc manifestações identitárias baseadas em terras tradicionalmente ocupadas. De outro lado, desenvolveu-se a história da constante pressão territorial exercida pelas monoculturas, o turismo predatório, a indústria da pesca e outros empreendimentos capitalistas. Ao lidar diretamente com este contexto empírico, este projeto beneficiará estudantes e docentes envolvidos graduação e pós-graduação, intensificando as relações entre as atividades acadêmicas e os atores sociais existentes fora dos muros da universidade. Na Pós-Graduação em Desenvolvimento, Estado e Sociedade, as reflexões e práticas possibilitadas pelo projeto terão o intuito de apurar e aprimorar os pontos de conexão entre os diversos campos disciplinares que compõem o programa, conforme o exposto a seguir. Por fim, com o propósito de inserir a/o bolsista nas discussões do âmbito do grupo de pesquisa Diterc, o projeto estimulará a construção de uma agenda de pesquisa conjunta, reunindo interesses de diversas esferas da realidade social na qual UFSB está inserida.

Justificativa

Se a base do despertar político de qualquer formação coletiva é moldada por vínculos sociais pré-existentes, a perspectiva de gênero deverá nos possibilitar um viés interessante na compreensão das relações de poder internas e externas às coletividades engajadas na defesa de seus territórios. Optamos pelo diálogo com os estudos de gênero porque entendemos, à luz de Marilyn Strathern (1988), que eles apresentam a vantagem analítica de questionar os modelos instituídos de dominação social, como sugerem também os estudos da chamada crítica feminista (Butler, 2003; Haraway, 1985, entre outras). Nos estudos rurais, por sua vez, a problemática de gênero tem sido encarada, predominantemente, pelo viés da relação de complementaridade entre o masculino e o feminino, na qual o segundo estaria inevitavelmente subordinado ao primeiro, como expressão da dominação patriarcal e das dicotomias baseadas na distinção casa-roçado, consumo-produção (Heredia, 1979; Segalen, 1980). Contudo, esta abordagem vem sendo alterada, expondo-se a transformações relativas à inserção das mulheres na militância política (seja nas áreas urbanas ou rurais); à afirmação de novos modelos de sexualidade, gênero e família; à valorização mercadológica de saberes tradicionais ligados ao corpo, à alimentação e à produção agrícola. Isto envolve mudanças nos próprios modos de reprodução do campesinato (cf. Carneiro, 1994; Castro, 2006; Lasmar, 2008; Moraes, 2013; Paulilo, 2009; Seraguza, 2017). De modo mais geral, ampliam-se as possibilidades analíticas oferecidas pela perspectiva de gênero sobre os territórios físicos e existenciais (por ex., Conceição, 2017; Machado, 2014; Piscitelli, 2014; Sardenberg, 2015; Souza, 2008).

Objetivo Geral

I Através da pesquisa etnográfica, com especial atenção às narrativas envolvendo as concepções nativas do corpo, aprofundar a reflexão sobre os conceitos de gênero e território, entendidos como formas determinadas de diferenciação social e cultural.

Objetivos Específicos

1 - Aprimorar as práticas e os conhecimentos metodológicos da etnografia; 2 – Desenvolver as técnicas da escrita acadêmica; 3 - Investigar as questões como: qual a relação entre gênero e ação coletiva? Como as coletividades em defesa do território podem ser lidas pela lógica de gênero?; O que as narrativas femininas sobre o corpo (definindo lógicas, classificações e elaborações ligadas à reprodução e criação de pessoas) têm a nos ensinar sobre modos de existência coletiva e suas lutas políticas?

Metodologia

Partiremos da formação disciplinar da Antropologia, em torno de três eixos temáticos - gênero; território; relações de poder os quais, por atravessarem interesses basilares de outros campos de saber, viabilizam uma abordagem interdisciplinar. Para isto, começaremos com levantamento e leitura de bibliografia voltada aos três temas. Em seguida, buscaremos levantar o que vem sendo produzido sobre o contexto etnográfico específico a cada plano de trabalho. Estas leituras serão complementadas com textos de introdução às técnicas e métodos da etnografia (observação participante; coleta de histórias de vida; escrita do diário de campo; coleta e análise qualitativa dos dados empíricos em estudos de caso). Também serão abordadas leituras sobre estratégias de pesquisa baseadas nas ferramentas da linguística de corpus, concebida como um “estudo da linguagem baseado em exemplos do uso da língua na ‘vida real’” (Stefanowistch, 2017, p. 24). A leitura da bibliografia dará as bases para a etapa de trabalho de campo para coleta do material empírico observado e da escuta e registro das narrativas sobre o corpo, sendo esta etapa seguida pela transcrição das narrativas, sistematização dos dados observados e registrados em diário de campo. Tais etapas serão realizadas pelo/a(s) bolsista(s) em função da localidade escolhida como campo etnográfico individual. A escolha do campo será feita a partir de conversas com a orientadora, a partir de uma combinação onde serão considerados os aspectos vocacionais da/o bolsista; a viabilidade logística; o interesse teórico na contribuição ao debate proposto pelo projeto. Todas as etapas terão orientação e compartilhamento constante das docentes envolvidas no projeto, tanto através de encontros regulares, quanto por meio de acompanhamentos em tarefas específicas. Será ainda imprescindível estabelecer uma relação dialógica, livremente consentida por parte do grupo pesquisado, com um vínculo colaborativo e respeitoso entre pesquisadoras/es e

atores sociais do universo de pesquisa, conforme os pressupostos éticos estabelecidos pela Associação Brasileira de Antropologia.

Resultados esperados

Será feitas a análise escrita da consolidação dos resultados. A escrita de um artigo em conjunto possibilitará à/ao(s) bolsista(s) a oportunidade de ensino-aprendizagem sobre técnicas e regras da escrita acadêmica.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner. 2008. Introdução. In: Terra de quilombo, terras indígenas, babaçuais livre, castanhais do povo, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. CARNEIRO, Maria José. 2001. Herança e gênero entre agricultores familiares. Em: Revista Estudos Feministas, 55, n. 1. CASTRO, Elisa Guaraná de. 2006. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. Em: WOORTMANN, Ellen; HEREDIA, Beatriz; MENASCHE, Renata. (orgs.). 2006. Coletânea Margarida Alves. Estudos Rurais e Gênero I. Brasília: MDA, IICA. COMERFORD, John. 2003. Como uma família. Rio de Janeiro: Redume-Dumará/Nuap. CONCEIÇÃO, Nádia dos Santos da. 2017. Cultura, saúde e meio ambiente: percepções de mulheres da comunidade de Acupe – Santo Amaro (BA) – sobre poluição. Salvador: UFBA/Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (Dissertação de mestrado) GONTIJO, Fabiano; TOTA, Martinho; LOPES, Moises Alessandro de Souza; FERNANDES, Estevão. 2016. Diversidade sexual e de gênero em áreas rurais, contextos interioranos e/ou situações etnicamente diferenciadas. Novos Descentramentos em outras axialidades - Apresentação. ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 3, n. 5. HARAWAY, Donna. 1985. A manifesto for cyborg: Science, technology and socialista feminism in the 1980s. Em: Socialist Review, 80. HEREDIA, Beatriz M. Alásia. 1979. Casa-Roçado. In. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. MACHADO, Lia Zanotta. "Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia". In: Cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014:13-46. NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2014. Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba. Revista de Antropologia, São Paulo, vol. 57, n. 2. OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. A viagem de volta. Etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa. PAULILO, Maria Ignez. 2009. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da igualdade de gênero. Em: FERNANDES, B.; MEDEIROS, L.; PAULILO, Maria I. (orgs.). Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas: a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: EDUNESP, Brasília: NEAD. PERUTTI, Daniela. 2017. Políticas do território e territórios da política em uma família quilombola de Goiás. no prelo. PISCITELLI, Adriana. "Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil". In: Cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014:159-199. SARDENBERG, Cecilia M. B. "Caleidoscópios de gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais". In: Revista Mediações, 2015. SOUZA, Eric Ferreira Souza. 2008. Errância dos desejos: Territórios e sujeitos marginais no centro da cidade do Salvador. Salvador: UFBA/Programa de Pós-Graduação NEIM/UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. STEFANOWITSCH, A. Corpus Linguistics: A guide to the methodology. Versão preliminar. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/313328874_Corpus_Linguistics_A_Guide_to_the_Methodology. Último acesso em: 12 abr. 2019. STRATHERN, Marilyn, 1988. The gender of the gift.